

*João Caupers*

## **O Estado-providência<sup>1</sup> para totós<sup>2</sup>**

*Lisboa, 10 de Outubro de 2010*

Continua a alastrar a epidemia de rinite C, que pôs o País a espirrar e a coçar o nariz. A doença não é causa de mortalidade, mas é altamente contagiosa e incapacitante, obrigando a um período de quarentena de 10 dias.

Estimam-se em cerca de 100 000 o número de portugueses afectados pela doença neste momento. Comprovando a incapacidade do Governo e as insuficiências do serviço nacional de saúde, os hospitais apenas dispõem de capacidade de internamento para uma pequena parte destes doentes. Que raio de Estado é este que não dispõe de umas dezenas de milhar de camas hospitalares de reserva para situações como esta? E se a epidemia fosse de febre da carraça? Ou de sarna?

*Porto, 15 de Novembro de 2010*

Vários meses após a cessação das operações do Banco Herdeiros de D. Branca, os clientes que lhe confiaram as suas economias, posteriormente aplicadas no *off shore* das Berlengas, continuam sem poder receber o seu dinheiro. Manifestaram-se em frente da sede do banco, exigindo a total satisfação dos seus créditos pelo Estado.

*Ponta Delgada, 23 de Dezembro de 2010*

As péssimas condições do mar, que se prolongam há cerca de um mês, continuam a impedir a exportação de vacas leiteiras. Como se pode compreender que os Governos – o Regional e o da República – permitam o avolumar dos prejuízos dos criadores açorianos, não assegurando o transporte do gado até aos seus compradores por via aérea? Porque não tem o Estado uma frota de aviões de carga para fazer face a situações de emergência como esta? Para que pagamos nós impostos?

---

<sup>1</sup> Simplificando, o Estado-providência é o Estado que se assume como garante do bem-estar social.

<sup>2</sup> Forma ternurenta para palerma, tolo, pateta, imbecil, patego, lorpa, papalvo, idiota, tanso, etc.

*João Caupers*

Nota do autor:

Nem todos os fiéis do Estado-providência fazem parte do grupo dos totós: não pertencem a este grupo, seguramente, os agricultores que não se preocupam em fazer seguros de colheitas porque sabem bem que, para serem compensados dos prejuízos causados por qualquer vicissitude climática ou outra – chuvada, seca, granizo, ventania, geada, raios e coriscos, mini-tornado, tufãozinho, praga de gafanhotos, etc. –, basta uma gritaria em São Bento, e logo o Estado, sempre generoso com o dinheiro dos contribuintes, abrirá os cordões à bolsa.